



A SUBSTITUIÇÃO DE AULAS COMO FERRAMENTA PARA IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

Marcela Montoro Garcia¹

INTRODUÇÃO

Tendo como base o trabalho desenvolvido na escola, compreendemos que há um grande contingente de profissionais de áreas diversas que o compõem, como por exemplo os professores dos diferentes componentes curriculares estipulados pela BNCC. Dessa forma, é comum que imprevistos como enfermidades, óbitos na família, problemas pessoais, entre outras emergências aconteçam no contexto escolar com docentes. Em contrapartida, o trabalho realizado pela escola não costuma cessar em função dessas adversidades e problemas particulares. Assim, faz parte do dia-a-dia escolar a possibilidade de substituições de aula acontecerem, fazendo-se necessário estruturar alternativas e requerer demais profissionais para entrarem em sala em momentos como estes.

Dessa forma, alguns questionamentos podem ser elucidados como: de que maneira estas aulas acontecem? São tempos ociosos para os estudantes? Qual postura deve ser adotada pelo professor encarregado desta tarefa?

Se tomarmos como base as reflexões pontuadas por Florestan Fernandes, o professor tem como papel a responsabilidade de ser um agente de transformação social, que incentiva e promove o exercício do pensamento crítico, apresentando aspectos das mazelas sociais, bem como, impulsionando os seus estudantes em direção a luta por justiça social e por uma sociedade mais igualitária (SAVIANI, 1996).

Assim, entende-se que é responsabilidade do professor promover, exercitar e instigar a busca por conhecimento. Portanto, faz-se prudente perceber a substituição de aulas como uma lacuna a ser explorada enquanto ferramenta para o estudo, mais especificamente o estudo de ciências humanas e sociais. O trabalho propõe-se, portanto, a compreender o espaço de substituição de aulas como oportunidade de articulação de conceitos das ciências humanas com o objetivo de criar e/ou exercitar noções de imaginação sociológica (MILLS, 1959)

As substituições de aula podem exercitar e objetivamente abarcar habilidades como ampliação de repertórios culturais, retomada dos conteúdos das ciências humanas e sociais, interpretação de fenômenos contemporâneos, entre outros. Tendo isso em vista, o presente

¹ Graduada do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina - PR, profmarcelamarcia@gmail.com;



trabalho também discute o papel do professor substituto, além de apresentar três exemplos de atividades aplicadas em uma escola da rede particular de ensino localizada no município de Guarulhos - SP. As experiências foram nomeadas como “Sou rico ou sou pobre?”, “Quem sou eu sociológico” e “As questões de socialização das mulheres”.

A relevância deste trabalho se dá diante da preocupação em compreender a substituição de aulas enquanto parte da dinâmica escolar, inerente ao trabalho desenvolvido na escola e parte do programa letivo. Tendo isso em vista, é importante sugerir e incentivar que a substituição de aula seja um pilar a ser observado com atenção e estruturado pela escola, isso porque, o ato de substituir aulas também possui um potencial na construção e apreensão de conhecimentos por parte dos estudantes.

No que tange estas noções, a retomada de conteúdos conduzidos por um outro profissional e/ou a aplicação dos conteúdos em um modelo distinto da aula regular, com outra didática, fazendo uma proposta de atividade diferente, pode acarretar em uma melhor compreensão dos conceitos. A revisitação de conteúdos de ciências humanas e sociais trabalhados nas séries anteriores ou em outros momentos do período letivo e a aplicação prática do conteúdo abordado teoricamente dentro do programa regular de aulas também pode ser benéfico para a construção de conhecimento.

Portanto, faz-se necessário colocar a substituição de aulas na ótica da formação dos profissionais das áreas de ciências humanas e sociais, explorar as problemáticas e os empecilhos encontrados no exercício da substituição, tal como valorizar os profissionais e os trabalhos elaborados por estes para mediar estes momentos de aulas itinerantes.

Quando se pensa sobre a organização do trabalho escolar, a substituição de aulas até é pautada, regulamentada legalmente e cogitada enquanto uma vicissitude da rotina laboral, porém, pouco se discute o trabalho a ser desenvolvido pelo profissional da educação neste momento, bem como o papel deste professor que assume estas aulas na ausência de um outro. Isso ocorre pela substituição de aulas tratar-se de uma excepcionalidade na visão do corpo docente. Desta forma, é comum que tanto os professores, como administração e também os estudantes vejam a substituição de aulas enquanto algo extra-oficial e sem muita utilidade, entendendo-o como um espaço liminar entre aulas que pode ser assumido como tempo ocioso. Este trabalho existe, portanto, para tratar a questão da substituição de aula enquanto um trabalho inerente ao ambiente escolar, que deve ser considerado, valorizado e refletido.

Além disso, o presente estudo traz consigo três exemplos de experiências palpáveis já aplicadas em momentos de substituição de aulas para o Ensino Médio de uma escola da rede particular de educação localizada no município de Guarulhos - SP. Experiências essas que



foram relevantes principalmente por retomarem conceitos e concepções trabalhadas pelas áreas das ciências humanas e sociais com o objetivo de trabalhar aspectos ligados a imaginação sociológica e a interpretação de fenômenos histórico-sociais presentes no cotidiano dos estudantes.

O trabalho aqui descrito tem como objetivos: 1) Compreender a substituição de aulas enquanto ferramenta na construção e compreensão de conhecimentos da área de ciências humanas; 2) Discutir alguns dos desafios e as perspectivas acerca do trabalho de substituição de aulas; 3) Compreender que esta atividade pode contribuir para o desenvolvimento de noções de imaginação sociológica (MILLS, 1959), exercitando conteúdos abarcados dentro das salas de aula de ciências humanas e sociais e potencialmente promovendo uma melhor interpretação dos fenômenos histórico-sociais que cercam os estudantes; 4) Apresentar três experiências de atividades de substituição de aulas explorando os potenciais epistemológicos, seus objetivos e os resultados das aplicações destas atividades em aulas substitutivas nas turmas de uma escola da rede particular de ensino localizada no município de Guarulhos - SP.

METODOLOGIA

Este estudo abrange uma análise de cunho qualitativo, pois investiga e revisita as noções do papel do professor defendidas por Florestan Fernandes. Para o autor, o professor é agente de transformação social e, por isso, deve promover a criticidade e impulsionar o acesso aos conhecimentos científicos (SAVIANI, 1996).

Além disso, a análise toma forma com a exemplificação destas noções pelas três experiências de atividades a serem elucidadas e trabalhadas como estudos de casos bem sucedidos no âmbito da substituição de aulas em escolas (YAZAN, 2015)

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A substituição de aulas também configura um campo de investigação para a área da sociologia da educação e para a pedagogia, enquanto que o professor responsável por assumi-las também não isenta-se do seu papel que deve ser inerente à profissão, independentemente se as aulas a serem lecionadas serão regulares ou extra-oficiais. Dessa forma, o presente estudo encaminha-se para analisar e estimular que reflita-se sobre a prática docente também nas ocasiões de substituição de aulas, bem como inclina-se para que estas aulas sejam utilizadas para a construção e exercício de noções de imaginação sociológica (MILLS, 1959).



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Tradução de Waltensir Dutra. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959.

MOREIRA MACIEL, EMANOELA. O CONCEITO DE IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA NA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DE SABERES DOCENTES. *Linguagens, Educação e Sociedade*, [S. l.], n. 25, p. 17–38, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1404> . Acesso em: 30 abr. 2025.

SAVIANI, Dermeval. Florestan Fernandes e a educação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 71-87, abr. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/CwvqDcdywntVY7dZDwmGpGf/#top>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SILVA, Eva Alves da; DELGADO, Omar Carrasco. O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÕES. **Rev. ESPAÇO ACADÊMICO**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 40-52, 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/revista-espaco-academico-v08-n02-artigo-03.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

YAZAN, Bedrettin. Três abordagens do método de estudo de caso em educação: Yin, Merriam e Stake. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 149-182, jan./abr. 2016. ¹ Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1038/pdf1> . Acesso em: 30 abr. 2025.